

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, BAIXA E SOME.

Quinquim - Sua benção, tia Xedinha.

Praxedes - Deus lhe abençõe, meu filho. (beijo) Ué! Que cara é essa, Quinquim? que tem você?

Quinquim - (fingindo-se indignado) É uma barbaridade o que aqueles cretinos fazem, lá na faculdade. Um cara como eu, que estuda pra xuxú e chega no exame, só porque não completa uma prova eles metem bomba.

Praxedes - O que é que você está dizendo, Quinquim? Você levou bomba outra vez?

Quinquim - Eu não levei, tia Xedinha, eu trouxe bomba. Bom, mas também não fui eu só, não pense a senhora. Quasi todo o mundo levou.

Praxedes - Quasi todo o mundo que não estudou, porque os que estudaram devem ter sido aprovados.

Quinquim - Nem todos. Muitos do que estudaram foram empenheirados. Eu por exemplo.

Praxedes - Você estudou coisa nenhuma, Quinquim. Você não estuda nunca.

Quinquim - Titia!... A senhora tem coragem de dizer uma coisa dessas?!...

Praxedes - Tenho, porque é verdade. Você vai alegar que ficava aí estudando toda as noites até duas, três horas da madrugada, mas eu já vou lhe adiantar que descobri o seu truque de dormir com a luz acesa, para fingir que estava estudando. É verdade ou não é?

Quinquim - (depois de pausa) Bem, titia... já que a senhora descobriu... para que negar? Eu detesto a carreira que a senhora escolheu para mim, sabe titia?

Praxedes - O que?!... Você tem coragem de dizer uma coisa dessas? Uma carreira tão linda, menino! Uma carreira que dignifica os que a ela se dedicam.

Quinquim - Bem, eu não discuto o seu ponto de vista, mas é um estudo que se aborrece e no qual eu não consigo encontrar nenhum encanto.

Praxedes - (irônica) Preferia ser estivador? Garçon? Chauffeur ou caixeiro de loja?

Quinquim - Nada disto, titia, o meu ideal é muito diferente.

Praxedes - O seu ideal! Você lá tem ideal? Você quer é levar a vida flautada, vivendo à custa de sua tia. Você pensa que eu sou rica? Se pensa, está redondamente enganado. Se faço alguma coisa por você, saiba que é com grande sacrifício e cumprindo uma promessa que fiz ao meu pai, na hora de morrer. E quanto já tenho dispendido? Quanto? Este é o terceiro ano que você leva bomba. Até quando pensa continuar assim? Diga. Quanto?

vezes mais você pretende entrar em casa dizendo que levou bomba?

Quimquim - Fenso que esta foi a última vez, tia Xedinha, porque agora mudarei de vida.

Praxedes - Todos os anos você diz a mesma coisa e chega nos exames... pimba!

Quimquim - Mas desta vez foi realmente a última porque eu já deliberei que não continuarei estudando.

Praxedes - Como?!... Você disse que não continuará estudando?! Mas o que pensa fazer você?!...

Quimquim - Vou dedicar-me à literatura. Vou escrever livros.

Praxedes - Valha-me Deus!... A mesma mania do falecido Honorato! Mas seu pai, pelo menos, trabalhava. Escrevia, apenas, nas horas vagas.

Quimquim - E foi por essa razão que nunca chegou a ser um grande escritor. Eu me dedicarei inteiramente às letras. Exclusivamente às letras.

Praxedes - (enérgica) Não admitirei. Pelo menos, enquanto você viver à minha custa não admitirei isso de forma alguma. Romancista! (irônica) Terá, com certeza, um futuro brilhante. Brilhantíssimo! Que fez seu pai com essa mesma mania? Escreveu um livro aquém de medíocre, intitulado "A Lagartixa" que só serviu para que a sua família ficasse, para o resto da vida, com o apelido horroroso e ridículo de "Família Lagartixa". Até hoje muita gente ainda me chama assim, por culpa dele. (TOM) Vá tomar juízo, menino. Que livros, que literatura, coisa nenhuma. Si não quer continuar estudando, arranje um emprego e vá trabalhar. (TOM) A Lagartixa! A Lagartixa! É assim que ainda hoje muita gente me conhece, graças à mania ridícula de seu pai.

Quimquim - Mas tia Lagarti... (emenda, rápido) oh, quer dizer...

Praxedes - O que? Tia Lagartixa?! Mas até tú tens a audácia de me faltar ao respeito chamando-me por esse apelido que detesto?

Quimquim - Não, tia Xedinha, desculpe. É que a senhora falou tanto em Lagartixa...

Praxedes - (corta, forte) Cale-se. Não consinto que repita semelhante insulto. Lagartixa! Está vendo no que deram as ridículas manias de seu pai? Está vendo? E você ainda pretende segui-las? Não senhor, não consinto. Jamais consentirei que você continue uma obra desastrosa que seu pai iniciou. E saiba, agora, de uma vez por todas: se você voltar a me chamar de Lagartixa, eu quebro a promessa que fiz a meu irmão e expulso-o desta casa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Desidério - (Para longe) Perpétua! Hortência! Violeta! Jacinto! Estão prontos para a visita à dona Praxedes? Aviem-se que é tarde, meninos. Dona Praxedes se recolhe muito cedo e não é do bom tom chegar-se a uma casa para visitar depois das oito horas da noite. (Segue falando)

CONTRA REGRA - PASSOS DE MOÇA QUE SE APROXIMAM.

Desidério - (sem interromper) Já deviam estar prontos. Desde cedo que... Ué! Que é isso? Você ainda está assim? Vá vestir-se depressa, ande.

Perpétua - Não, papai, eu não vou. O senhor irá com as outras.

Desidério - Como não vai? Não é possível. Eu disse que iríamos todos.

Perpétua - Eu sei, papai, mas... eu... eu não posso ir.

Desidério - E por que não pode? Então você ousa contrariar a vontade de seu pai?

Perpétua - Papai... eu... eu tenho horror a visitas, o senhor sabe. E principalmente em casa de dona Praxedes.

Desidério - Mas por que? Uma pessoa tão distinta... tão nossa amiga...

Perpétua - Papai, eu... eu vou lhe dizer a verdade. Eu tenho horror ao ridículo e acho de um ridículo enorme o motivo pelo qual o senhor nos leva, todas, à casa de dona Praxedes.

Desidério - O motivo é o mais justo que se possa imaginar. Dona Praxedes é uma antiga amiga da família a quem devemos toda a consideração.

Perpétua - Não, meu pai, desculpe. Esse não é o motivo, esse é o pretexto. O motivo todo mundo sabe. Sabe e zomba do senhor e de nós. O motivo é forçar o futuro doutor Joaquim a se resolver por uma de nós.

Desidério - (fingindo-se ofendido) Perpétua! Você tem a coragem de me dizer uma coisa dessas?!... Onde está o respeito que me deve?!

Perpétua - Dizer-se a verdade não me parece falta de respeito, meu pai. E depois... isso é uma coisa mais do que sabida. É por isso que dizem que o seu Desidério procura prender o jardineiro Quinquim para qualquer das flores do seu jardim. Então isso não é de um ridículo enorme, papai?

CONTRA REGRA - PASSOS DE MOÇA QUE SE APROXIMAM.

Desidério - É incrível o que ouvi! É incrível! Nunca pensei que alguma de minhas filhas pudesse ter a coragem de me dizer uma coisa destas!

Hortência - (chegando) Eu estou pronta, papai. Acha que estão bem os laços das minhas tranças, Perpétua? Ué!... que é que tá tens? Que cara é essa!

Desidério - Imagine, minha filha, que sua irmã se recusa a ir conosco visitar dona Praxedes porque diz que acha horrível a minha intenção de meter vocês pelos olhos a dentro do Quinquim.

Hortência - Não faça caso, Papai. Si ela não quer ir, vamos nós. menos uma concu-
rente para mim. Eu por mim não me importo. acho o Quinquim bem simpáti-
co.

Desidério - Simpático só? Não esqueça que ele será, no futuro, o único herdeiro de
dona Praxedes, além de que será também "doutor".

Hortência - É mesmo, ele vai ser doutor. O doutor Joaquim. Não faz mal, papai, si
ela não o quer, deixe-o para mim. Vamos, papai, e nos que eu me encarre-
garei de conquistá-lo.

Desidério - Um momento, minha filha, um momento. Vamos lá dentro apurar com Jacin-
to e Violeta. (saindo) Eles também irão conosco.

CONTRA REGRA - PASSOS DE DUAS PESSOAS QUE SE AFASTAM.

Perpétua - (depois de pausa) Perpétua! Hortência! violeta e Jacinto!... que ridícu-
lo, meu Deus!... que enorme ridículo!... (pausa) Perpétua!... Perpétua,
sim, ha de ser a minha mágoa, pela maldição de ridículo que pesa sobre
a minha vida!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Maria - (preta velha) Tem visita na sala, patrona.

Praxedes - Quem é, Maria?

Maria - O seu Desidério casou com a filha dele tudo, marido intrá. rá tudo lá insperando.

Praxedes - Já vou lá, Maria. voce ouviu, quinquim? temos visitas.

Quinquim - tempo, não. a senhora que tem, porque eu não pretendo aparecer. Não su-
porto o seu Desidério nem o jardim dele. São de um ridículo pavoroso.

Praxedes - ridículo: Então voce tem coragem de chamar de ridículos os nossos amigos?

Quinquim - É rosa, é amor perfeito, é violeta, é cravo, é jasmim... Deus me livre!
E aquela velha chato a elgiar as filhas: (imita, caricato) "... rose toca
muito bem piano". A violeta é uma ótima doceira." A Hortência isto, e
Perpétua aquilo... Óra, que vá para o diabo com o seu bouquet de flores
sem perfume.

Praxedes - Quinquim, você está se excedendo, menino.

Quinquim - Estou é cansado de aturar tudo isto e disposto a viver a vida a meu modo.

Praxedes - Você não poderá deixar de aparecer ao seu Desidério e às meninas. Isso
será uma desfeita.

Quinquim - Que me importe? Ele que interprete como quiser. Eu vou para a rua.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTA.

Praxedes - Quinquim, venha cá. (eleva um pouco) Quinquim, você não ouve? (Pausa)

Qual, este rapaz não me obedece mais. E tú viste o desaforo que ele me
faz, Maria? Viste?

Maria - É que ele não gosta das Yrô, patrona. Palfirinha tá em paléja com el.

Praxedes - Mas ele vai me pagar essa malcriação.

Maria - Patrona, o homo tá lá insperano a sinhora cas frô dele tudo, patrona.

Praxedes - É sim, eu preciso ir atendê-los. Estou direita, Maria? Vê.

Maria - (depois da pausa) Xavê. (Pausa) Vira. (Pausa) Tá, patrona. Tá bem derei
tinha.

Praxedes - Às nove horas você prepara o chá e quando ele estiver pronto vá lá na
sala avisar.

Maria - Tá, patrona, eu chamo. Pode dexá que eu chamo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Praxedes - Boa noite. Peço desculpas da demora.

Desidério- Boa noite, dona Praxedes. Não ha porque desculpá-la.

TODOS - (em côro) Boa noite, dona Praxedes. Não ha porque desculpá-la.

Praxedes - Como não? Eu demorei demais. É que estava transmitindo umas ordens à em
pregada, para poder atendê-los, depois, com mais atenção. E então, como
vai o meu velho amigo?

Desidério- Vive-se, dona Praxedes, vive-se. Sempre muito cheio de afazeres. Só mesmo
a estima em que a tenho é que me faz esquecê-los para poder gozar uns ins
tantes do seu amavel convívio.

Praxedes - Muito obrigada, seu Desidério. O senhor é muito amavel. E a Hortencia co
mo está? Sempre bonita, não?

Hortencia- Bonita, dona Praxedes? (risadinha forçada) A senhora é que é muito bono
sa e enxerga beleza onde não ha. Si eu fôsse bonita já estaria casada.

Praxedes - Mas agora é que você começa a desabrochar para a vida, minha filha. Espe
re que o seu dia chegará.

Hortencia- (assanhada) Ah, Deus permita, dona Praxedes, Deus permita! E desejo casar-
me com um médico.

Praxedes - Muito bem. (tom) E a Violeta, como vai?

Violeta - (taradinha) Eu vou bem. (risadinha besta e inexpressiva)

Praxedes - E você, Jacinto?

Jacinto - Como Deus quer e consente. Como uma folha caída, levada pela corrente.

Praxedes - (sorri, bondosa) Sempre rimando, o Jacinto. Sempre rimando.

Jacinto - Ah, sim, eu adoro os versos. Creio mesmo que nasci com alma de poeta. No
perfume suave de uma flôr, no brilho cintilante de uma estrela, ou no can
tar das avesinhas mansas, em tudo eu encontro poesia. Talvez pensei mui
tos que haja exagero na minha maneira de sentir o cantar sonoro da lira
dos grandes vates, mas juro-lhe, dona Praxedes, que é meu feitio. É meu
feitio, sim, é meu feitio.

Praxedes - Acredito, por que não?

Jacinto - A beleza sublime da poesia empolga-me de tal maneira, que eu não poderia compreender a vida si não existissem versos. Que maravilha um soneto, exprimindo, em poucas linhas, ideias muitas vezes enormes e profundas. Antônio Gomes Ferreira de Castilho, por exemplo, no seu soneto "Despedida a um filho" - (declama) Filho vem cá, escuta um pai amante, que este último adeus vem dar-te triste. Lindo! Lindíssimo! Eletrizante!... Inácio José de Alvarenga Paixoto, também: "Estela e Nize" Maravilhoso! Magnífico! Francisco Muniz Barreto tem também...

Desidério - (corta) Basta, Jacinto, basta. Deixe dona Praxedes falar. Meu filho, quando fala em poesia, perde completamente a noção do limite.

Hortência - É verdade, Jacinto, você se excede. Esquece que não está em sua casa.

Violeta - É mesmo, esquece. (risadinha idiota)

Jacinto - Desculpe, dona Praxedes, sim? Desculpe. Realmente excedi-me. Mas eu sou assim. A poesia arrebatava-me... transportava-me... e faz-me esquecer as regras da conveniência. Eu bem sei que faz parte do bom tom falar-se pouco, mas em se tratando de poesia, disse bem o senhor meu papai, perco por completo a noção do limite. Desculpe, sim, dona Lagartixa, desculpe.

Praxedes - Hein? O que?!... Dona Lagartixa?!...

Desidério - Meu filho, que horror!... Como você está desastrado! Então você vai dizer uma coisa dessas a dona Praxedes? Peça desculpas, imediatamente.

Hortência - Ele já pediu, papai.

Violeta - É, sim, ele já pediu. (risadinha)

Desidério - Desculpe-o, então, sim dona Lagartixa... dona Praxedes? Mas mudemos de assunto. Seu sobrinho onde está que ainda não o vi?

Praxedes - (zangada) Meu sobrinho saiu.

Hortência - Óra que pena! Saiu?

Violeta - Saiu? (risadinha)

Praxedes - Saiu. Naturalmente não sabia que vinham aqui, do contrário teria esperado.

Desidério - É claro, é claro. Quer dizer que daqui mais alguns anos seu sobrinho já estará médico, não dona Praxedes?

Praxedes - Não, seu Desidério. Infelizmente meu sobrinho foi mais uma vez reprovado e desistiu de seguir a medicina. Diz que vai ser escritor, como o pai.

Hortência - Óra, que pena!... O pai dele era escritor, dona Praxedes? Eu não sabia.

Desidério - Era, sim, minha filha. Pois ele foi o autor da Lagar... (corrige) de um livro que fez grande sucesso na sua época.

Hortência - Pois juro que eu não sabia, papai.

Violeta - Nem eu. (risadinha)

- Desidério - É lamentável a deliberação do seu sobrinho, dona Praxedes. Ele, como médico, teria outro futuro... outra projeção. E não lhe faltariam moças de boas famílias, prendasias, que soubessem tocar piano, declamar, fazer doces...
- Hortencia - (corta) Eu sei fazer tudo isto, papai. E outras coisinhas mais.
- Violeta - Eu também. (risadinha)
- Desidério - Eu sei que vocês sabem e por isso digo: minhas filhas só se casarão com rapazes portadores de títulos. Sim, porque eu sou muito exigente, quando se trata das minhas filhas, dona Praxedes.
- Praxedes - E faz muito bem, ~~da~~ seu Desidério, porque os pais são sempre responsáveis pelo futuro dos filhos. É a razão porque estou indignada com o Quinquim. Ele não é filho, é sobrinho, mas de qualquer forma foi criado por mim. E o senhor nem sabe o que ele tem me incomodado.
- Jacinto - É uma lástima, uma verdadeira lástima. E isso que ele tem tudo na mão. Por isso que eu sempre digo que Deus dá nozes para os que não tem dentes. E é uma lástima, principalmente, porque põe fim a um grande sonho de sua boníssima tia, sonho esse que se desfaz como bolha de sabão. E por falar nisso, a senhora conhece o soneto "A bolha de sabão" de Lucindo Pereira dos Passos Filho? É assim: Trêmula nasce, vacilante cresce; palidas tintas de amarantho e rosa, vão lhe brotando à face luminó.
- Maria - (cortando, em 2º plano) O chá tá selvido, patrona. É bão vim meio digão pra móde ele não insfriá.
- Praxedes - Sim, Maria, já vamos. Venha, Jacinto, vamos tomar chá. Depois você recita a bolha de sabão. Vamos, meninas, vamos seu Desidério. É pena que eu não os esperava, sinão teria mandado preparar um bôlo.
- Desidério - Óra, dona Praxedes, seria incômodo. Foi melhor assim.
- Praxedes - Incomodo nenhum. Mas em todo o caso, sempre temos umas rosquinhas de araruta que a Maria fez e que são muito gostosas.
- Jacinto - Rosquinhas de araruta, dona Lagar... dona Praxedes?!... Ih, eu sou louco por rosquinhas! Alucinado! Desvairado! Tarado!... A grande paixão da minha gula são as rosquinhas. Vamos então depressa que as rosquinhas já estão me fazendo cócegas na língua!...
- OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO PRIMEIRO ATO.
- LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL
- OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA ABERTURA DO 2º ATO.

Quinquim - Estamos quasi no fim; falta poucas linhas. (lendo) ... e Sandra, enxugando uma lágrima furtiva, proseguiu a leitura da carta de sua infeliz amiga: meu filho nasceu morto! Isto me fez sentir, pela minha carne, o mesmo desprezo que deve sentir o lavrador pela terra ~~quaxá~~ sáfara onde a semente apodrece. Não consenti que chamassem meu noivo e na cama do hospital, onde fiquei só e abandonada, todo o meu amor por êle se transformou em ódio. Depois... depois nem sei o que foi a minha vida. Lembro-me, vagamente, de ter andado a esmo, pelas ruas, em meio de gente desconhecida. Creio que, aferrada à lembrança do passado, perdi o senso da realidade e esqueci os dias do presente. Não estarei morta também? Pelo menos, a minha alma eu sinto que abandonou o meu corpo desde aquela dia... Sim, é isto. Meu corpo ainda se movimenta ao sabor de uma vontade inconsciente, mas minha alma está morta ha muito tempo. Morreu com meu filho. Sou uma morta viva. Michaela.

Demófilo - Lindo, Quinquim! Maravilhoso.... Eu estou abafado com o teu romance. Adigo-te mais: tenho certeza de que poderias concorrer, com ele, ao prêmio Machado de Assis.

Quinquim - Qual o que, Demófilo. Então tú pensas que eu teria coragem de fazer uma coisa dessas?

Demófilo - Mas tú vais fazer. Vais fazer porque eu exijo que "A morta viva" concorra a esse prêmio.

Quinquim - Pois seja, mas serás tú o responsavel pelo meu fracasso, então.

Demófilo - Não tenho o menor receio de assumir essa responsabilidade.

Quinquim - Está bem. Meu romance concorrerá, então, por tua conta e risco, ao prêmio Machado de Assis.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Praxedes - Volte cedo, Quinquim. Não esqueça que temos, hoje, a festa de aniversário de Violeta e que estamos especialmente convidados.

Quinquim - Mas tia Xedinha, eu não irei a essa festa.

Praxedes - Quinquim, isso não é possível, Quinquim! Seu Desidério vai ficar mago e as meninas também.

Quinquim - Paciencia, tia Xedinha, mas eu não vou mesmo. De maneira alguma irei a essa festa.

Praxedes - Mas você não compreende que si você não fôr eu também não poderei ir, por falta de companhia?

Quinquim - Pois bem, a senhora vá que eu passarei lá, mais tarde, para buscá-la. É o máximo que posso fazer.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Hortencia - Aceita mais um cálice de vinho do porto, dona Praxedes?

Praxedes - Não, minha filha, obrigada. Eu não posso abusar do álcool. A minha pressão arterial anda um pouco alterada e eu preciso cuidá-la.

Hortencia - Quem sabe um pouquinho de doce de côco? Foi feito por mim.

Praxedes - Não, obrigada. Eu já provei e achei ótimo, mas não quero mais.

Desidério - Hortencia trabalha muito bem em doces. Eu sempre digo que as mãos dela são privilegiadas.

Violeta - As minhas também. (risadinha)

Praxedes - Mas o que tem a Perpétua, hoje, que está tão calada? Ainda não ouvi a voz dela.

Perpétua - Estou com um pouco de dôr de cabeça, dona Praxedes.

Desidério - O mal de Perpétua é um mau humor constante e inexplicável. É diferente das outras que estão sempre alegres e bem dispostas.

Praxedes - Uma questão, talvez, de temperamento, seu Desidério.

Jacinto - Dona Praxedes, eu me lembrei, agora, de um soneto maravilhoso de Possidônio Machado e vou declamá-lo para a senhora. (declamando) Anda depressa, ó sol que estás parado! Que fazes, tú aí, som imprudente? Este maldito sol, ultimamente, tem se tornado o meu maior cuidado. Essa que eu amo mora num sobrado e o sol, que a quer também, para-se em frente: e até que o sol se canse e enfim se ausente, a janela é deserta e eu de solado. Sol vai-te embora. É quando o sol vai indo e ela aparece, eu desespero e grito, por ver a noite que já vem caindo: Sol, para um pouquinho. É o sol, sem me escutar, se esconde enquanto eu lhe suplico, aflito: Sol, por favor, ó sol, vai devagar.

ESTÚDIO - PALMAS FROUXAS DE TRÊS PESSOAS. PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

Jacinto - Gostou, dona Lagar... dona Praxedes?

Praxedes - (fria) Do soneto, gostei.

Quinquim - (2º plano) Boa noite para todos.

ESTÚDIO - TODOS, MENOS DONA PRAXEDES, RESPONDEM COM EFUSÃO.

Desidério - (quando cessam os cumprimentos) Veja uma cadeira para o Quinquim, Hortencia.

Quinquim - Não é preciso, obrigado. Creio que titia já vai, não é?

Hortencia - Como?!... Mas então não vai comer nem um docinho?

Quinquim - Não.

Desidério - Um docinho de côco feito pela Hortencia. Prove que você vai gostar.

Quinquim - Obrigado, não quero. Eu não suporto doce de côco. (TOM) Vamos, titia?
Eu tenho, ainda, muito o que fazer hoje.

Hortencia - (ironia) Vai escrever mais algum capítulo do seu romance? (Ri.c/desdem)

Quinquim - Pretendo escrever vários capítulos.

Hortencia - (ironia) Opa! É produção em série, papai, o senhor viu?

Desidério - (idem) Os grandes escritores produzem assim, minha filha.

Violeta - É, produzem. (risadinha)

Jacinto - Ovi dizer que vai mandar o seu romance para concorrer ao prêmio Macha de de Assis? (ironia) Naturalmente vai ser o premiado.

Quinquim - Vamos, titia?

Praxedes - Vamos, sim, Quinquim. É tarde.

Perpétua - Não faça caso das tolices que lhe dizem Quinquim. Lute pelo seu ideal que sairá vitorioso. Eu creio em você. (tudo isto é dito à meia voz)

Quinquim - (revelação) (meia voz, também) Perpétua!... Você?!... (emoção) Obrigada! Muito obrigada!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Quinquim - Estava na livraria quando vi você passar e corri para encontrá-la. Desde aquela noite não falamos mais... Eu... eu queria dizer a você que... que já mandei o meu trabalho para o concurso.

Perpétua - Fez muito bem, Quinquim. E mesmo que ele não seja classificado, não desanime e continue escrevendo. A persistência é um dos fatores que nos conduz à vitória.

Quinquim - Você é extraordinária, Perpétua, e acredite que tem sido, para mim, desde aquela noite, uma verdadeira revelação.

Perpétua - Julgava-me tôla como as minhas irmãs, eu sei. (triste) É mesmo difícil que alguém seja capaz de imaginar que num céu de tempestade possam brilhar estrelas. A gente sofre, sempre, o reflexo do meio onde vive. (TOM) Bem, mas deixemos isso de parte. Desejo que você seja bastante feliz na carreira que abraçou, Quinquim.

Quinquim - Obrigado, Perpétua. Assim que souber qualquer coisa a respeito do resultado, procurarei lhe comunicar.

Perpétua - E no dia em que você se tornar um romancista célebre, o que há de acontecer, si Deus Quizer, você vai escrever um livro, cujo enredo será sugerido por mim. O título será... "REVOLTA".

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Hortencia - Papai está furioso contigo. Disseram a ele que te encontraram, na rua, ao lado do Quinquim.

Perpétua - E que mal tem isto? É verdade, pronto.

Hortencia - Papai não quer. Disse que ele é um João Ninguém com manias de escritor e que não será casamento para nenhuma moça que se preze.

Perpétua - Não penso em casar-me com ele, mas não vejo ~~xxxxxx~~ porque papai possa se aborrecer por isto. Até ontem, quando pensavam que ele se formaria em medicina, era um ótimo rapaz e um esplêndido partido. Hoje não vale nada e não é casamento para moça que se preze. Francamente! Há pessoas que mudam com o vento.

Hortencia - Pois eu acho que papai está acertado. Como médico ele poderia ter um ~~gr~~ grande futuro, como escritor há de ser, sempre, o mesmo João Ninguém.

Perpétua - Pois eu acho preferível que ela seja um escritor medíocre por sua própria vontade, do que um mau médico por vontade dos outros. E você pode dizer ao papai que eu sinto muito desobedece-lo, mas que não deixarei de tratar bem o Quinquim onde quer que o encontre.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Praxedes - Seu Desidério veio queixar-se de você. Disse que você deu, agora, para se encontrar seguidamente com a Perpétua na rua e ficam, os dois, longo tempo a conversar.

Quinquim - É verdade, sim, tia Xedinha, mas não vejo mal algum nesse fato.

Praxedes - É que você, assim, afastá qualquer pretendente que ela possa ter. Quem os vir sempre juntos pensará que estão comprometidos.

Quinquim - Somos apenas amigos, tia Xedinha.

Praxedes - Eu sei, mas o fato é que os outros não querem saber disto. E você não poderá se comprometer com ninguém sem que tenha uma posição definida. Foi isto que seu Desidério me deu a entender e convenhamos que com justa razão.

Quinquim - Vejo, então, que ele veio lhe pedir providencias para afastar-me de Perpétua; não é isto?

Praxedes - Sim, e você não terá direito algum de insultar-se. Seu Desidério tem toda a razão. Você não é nada, na ordem das coisas e Perpétua é uma moça que já está na idade de casar-se, portanto trate de se afastar dela que eu não estou para, amanhã ou depois, seu Desidério atirar-me em rosto que sua filha não se casou por culpa do meu sobrinho.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Quinquim - Lê o telegrama que acabo de receber. Quero que sejas o primeiro a tomar

conhecimento dele.

Demófilo - (lendo) Comissão encarregada julgamento obras apresentadas concurso, resolveu, unanimidade, conceder prêmio romance Morta Viva. Segue carta detalhes proposta editora. Saudações. (Transição) Quinquim!... Eu não te dizia?!... Eu não te dizia!... Agora estás feito. É a vitória, meu amigo! É a vitória!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Desidério - Sim senhor! Quem seria capaz de imaginar que isto ia acontecer? Quem?!
Vejam: três colunas do jornal, ocupando-se exclusivamente com o nome dele!

Hortência - Pois é, papai, e nós fizemos troça do coitado. Ele é capaz de nunca mais nos perdoar.

Violeta - É mesmo, (risadinha)

Desidério - Mas quem poderia contar com uma reviravolta destas? Quando é que eu poderia imaginar que o filho do autor da Lagartixa seria capaz de conquistar, um dia, um nome de relevo nas letras nacionais?

Hortência - Pois é, ninguém poderia imaginar.

Violeta - É mesmo, (risadinha)

Desidério - Mas nós, agora, vamos procurar remediar o mal que fizemos. Vamos prestar uma homenagem ao nosso ilustre escritor, oferecendo-lhe uma festa em nossa casa.

Hortência - É mesmo, papai, uma festa! Muito boa ideia!

Violeta - Muito boa ideia! (risadinha)

Desidério - E iremos todos, incorporados, fazer-lhe a comunicação e o convite. Jacinto será o orador.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Praxedes - Eu peço muitas desculpas aos meus bons amigos, mas meu sobrinho viu-se forçado a sair para responder uns telegramas que vieram de Capital.

TODOS - (Em côro) Ora que pena!... (risadinha de Violeta)

Hortência - E o Jacinto que havia preparado até um discurso para fazer.

Praxedes - Pois é, que pena! Meu sobrinho vai lamentar muito, quando souber.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

Quinquim - (aproxima-se, falando) Não vou lamentar porque estou aqui, tia. Masol vi aparecer.

ESTÚDIO - EXCLAMAÇÕES DE SURPREZA, GENERALIZADAS, INCLUSIVE PRAXEDES.

Desidério - Ah, eu logo vi. Foi uma excentricidade de escritor festejado. Quis nos dar um susto; não foi isto?

Praxedes - (rápida) Exatamente, seu Desidério. Foi justamente o que ele quis fazer.

Quinquim - Não foi, não. É que eu resolvi o contrário. Que pretendem de mim?

Desidério - Fale, Jacinto.

Jacinto - Caríssimo amigo Joaquim, escritor ilustre. Diante da merecida e brilhante vitória que acabas de conquistar, não podiam os teus amigos e admiradores - aqueles que o são verdadeiramente - silenciar. É que o teu feito vem encher de orgulho a tua terra natal e sobretudo a tua honíssima e digníssima tia dona Legartixa...

Quinquim - (cortando, rápido) Olha aí, titia, é com a senhora.

Praxedes - Legartixa?!...

Jacinto - Oh, perdão, perdão. Dona Praxedes, eu quis dizer. Foi um engano. Mas prosseguindo, eu dizia que não poderíamos silenciar diante de uma vitória tão expressiva e tão significativa para todos nós. Assim sendo, a família Jardim aqui presente, resolveu prestar ao escritor ilustre e conterrâneo, uma pequena homenagem que constará de um festa em sua residência. E aqui estamos, incorporados, para convidá-lo, bem assim como à sua digníssima tia, nossa diletta amiga. Essa festa dirá de nossa grande alegria e da imensa amizade que lhe dedica a família Rosa Jardim. Tenho dito.

ESTÚDIO - PALMAS FRIAS DE TRÊS PESSOAS APENAS.

Quinquim - Agradeço, como visto, a intenção do ilustre senhor Desidério e do seu Jardim, mas declino da homenagem.

Praxedes - (aflita) Mas Quinquim, você não pode fazer...

Quinquim - (cortando) Declino da homenagem, já disse. E com licença.

CONTRA REGRA - PASSOS FINES QUE SE APASTAM E SOTEM.

Desidério - Oh!... Não é possível! Fomos desfeiteados! E eu estou tão indignado que sinto que vou ter uma coisa!...

Hortência - Eu também!...

Violeta - Eu também!

Jacinto - Eu também!...

TODOS - (em côro) Ail! Ail! Ail! Ail!...

Praxedes - Meu Deus, que horror!... Como vou atender, sózinha, a tanta gente?!

(gritando) Marial... Marial... Depressa, Marial! Depressa!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA INÍCIO DO 3º ATO.

Maria - Pruquê que mecê va simhora, seu Quinquim? A patrona ficou braba com me
cê pruquê mecê disse aquelas coisa tudo pro seu Disindério e pras fia
dele tudo, mais hoje ela num tá mais braba, já passô. Pica seu Quinquim

Quinquim - Não posso ficar, Maria. Um escritor precisa de tranquilidade, de calma
e de paz de espírito para poder produzir e aqui... tudo isso me falta.
Titia nunca me compreendeu e continua a não me compreender e eu já es
tou farto dessa vida que ela faz, de convenções sociais e de hipocri
sia. Vou viver numa pensão, ou num hotel e afianço-te que não terei a
menor saudades daqui.

Maria - Que pena, seu Quinquim! Pois a nêga véia pode lo agarranti que vai sin
ti muita falta e muita saudades do sinhô.

Quinquim - Eu sei, Maria. Eu sei que tú sentirás saudades minhas.,

Maria - Tombem... pudera! A bem dizê fui eu que criei mecê de piquinitote.

Quinquim - Eu sei. Fôste tú que me acalentaste nos teus braços, que preparaste as
minhas mamadeiras, que me acobertaste dos castigos e velaste aos pés
da minha cama, nas horas de intranquilidade, quando a febre tenaz amea
çava arrebatá-me a vida.

Maria - Fui eu, sim. Muitas e muitas noites essa nêga ficou acordada cuidando
de mecê.

Quinquim - Vive ainda na minha memória o quadro edificante do meu quarto em penum
bra e as contas de um rosário a brilhar entre as tuas mãos negras e ca
losas. Resavas para me salvar. Eu era, então, um menino ainda, mas nun
ca mais me esqueci. Creio mesmo que foi naquelas horas de angústia que
aprendi a querer-te com tamanha ternura. Parecia-me ver, por traz de
ti, a alma da minha doce mãezinha a derramar carinho e solicitude no
teu admirável coração!

Maria - (chorando) Num fala mais, seu Quinquim. Num fala, faiz favô! A nega
veia já tá quagi quagi chorando.

Quinquim - Não, não. Eu não quero que chores. Eu agora estou feliz e contente e
desejo que tú estejas também assim. Eu não vou para longe e virei ver
te sempre. Adeus, minha bôa Maria. (beijo)

Maria - (chorando) Adeuse, meu fio, adeuse. Que Deus Nosso Sinhô te acompanhe.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Perpétua - Você deve ter extranhado que eu fôsse a única que não lhe tivesse fa
licitado pela vitória obtida, mas pode estar certo de que ninguém te
ve maior alegria do que eu, Quinquim.

Quinquim - Eu sei, Perpétua. Eu creio na sua sinceridade.

Perpétua - Ninguém desejou mais que você vencesse, nem acreditou mais na sua vitória do que eu.

Quinquim - Obrigado, Perpétua. Você foi, realmente, uma grande animadora.

Perpétua - Espero que não esqueça, agora, a promessa que me fez de escrever um livro, cujo argumento será dado por mim.

Quinquim - Como iria esquecer? Adianto-lhe, até, que será o meu segundo trabalho. Escolha um dia para nos encontrarmos, em qualquer parte e você me contará a história que tem em mente.

Perpétua - Quer começar amanhã?

Quinquim - Com o maior prazer.

Perpétua - Pois bem, então amanhã nos encontraremos na praça, às três horas da tarde. Está bem?

Quinquim - Muito bem. Estamos combinados.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FURDE COM PASSAROS CANTANDO QUE PERMANECEM EM FUNDO.

Perpétua - Meu Deus, cinco horas já!... Como o tempo passou depressa!

Quinquim - Continue, Perpétua, continue. Eu estou entusiasmado com a sua história! Vai ser um sucesso o meu segundo livro! Mas vamos, prosiga.

Perpétua - (continuando) ... e assim, pelo temor do ridículo a que se expunham, todos se afastavam da pobre criatura que possuía, como as demais, um coração que pulsava e que sofria. Uma criatura que alimentava, como as demais, o desejo de constituir o seu lar e dele fazer o seu pequeno mundo.

Quinquim - Lindo! Lindíssimo!... (Tom) Continue.

Perpétua - Por fim, desiludida do amor e vendo que se perdiam, uma por uma, as suas esperanças, ela foi buscar, no silêncio do cláustro, o esquecimento para a imensa tortura que havia criado, para a sua vida, o ridículo dos que a cercavam.

Quinquim - Ótimo o seu argumento, Perpétua, mas... está me parecendo que ele...

Perpétua - ... é a história da minha própria vida, não é isso? Exatamente. Mas você ha de guardar segredo disso, porque a ninguém revelei, ainda, a minha intenção de tornar-me freira.

Quinquim - (depois de pausa) Escute, Perpétua: e se aparecesse alguém que gostasse sinceramente de você e se resolvesse a enfrentar o ridículo de sua família?

Perpétua - Era muito difícil que isso pudesse acontecer, Quinquim. Para enfrentar tanto ridículo, só mesmo um amor muito grande e eu não me sinto capaz de inspirar tal sentimento a ninguém.

Quinquim - Não acredita? Pois então escute: a mim você o inspirou.

Perpétua - (depois de pausa, abafada) Quinquim!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Desidério - É claro que me sinto honrado com o seu pedido, entretanto... manda a sinceridade que lhe advirta que você ficaria muito mais bem servido com a Hortência ou a Violeta. Perpétua é...

Quinquim - (porta) Pois é, seu Desidério, mas foi da Perpétua que eu gostei, o que é que eu vou fazer, não é?

Desidério - Bem... Perpétua não é má. O seu maior defeito é ser insubordinada.

Quinquim - Pois foi justamente isso que me agradou,

Desidério - Está bem. Si é assim... o que é de gosto regala a vida. Eu fiz o meu dever - avisei-o. Mais tarde o senhor não terá que se queixar de mim.

Quinquim - Não me queixarei, esteja descansado.

Desidério - Muito bem. Tenha a bondade, então, de esperar um pouquinho, que eu vou buscar a sua noiva.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Hortência - (meia voz) E então, papai? Não pudemos escutar quasi nada. Conseguiu convencê-lo?

Desidério - Não, minha filha, ele faz questão da Perpétua.

Hortência - (chorando) Óra, papai! Mas isso não é direito. O senhor tinha prometido que me arranjaría o Quinquim.

Desidério - Pois é, minha filha, mas ele não quiz o que é que eu vou fazer?

Hortência - Neste caso o senhor não devia de lhe ter dado a Perpétua também.

Desidério - Ah não, minha filha! Isto não! Dos males o menor. Sempre é uma letra a menos para descontentar, no futuro.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Demófilo - Meu caro amigo, deixa que te abraçe outra vez. Li, nos jornais, o enredo e o sucesso do teu segundo romance.

Quinquim - Obrigado, Demófilo, muito obrigado.

Demófilo - E li, também, as referências a uma colaboradora anônima com que tú divides as glórias de "A Revolta". Quem é ela?

Quinquim - A Perpétua.

Demófilo - A tua noiva?! Eu não imaginava.

Quinquim - Pois foi ela que me deu todo o enredo.

Demófilo - Pois então, felicita-a também por mim.

Quinquim - Obrigado, Demófilo.

Demófilo - E a ^{respeito} ~~expressão~~ das propostas das editoras de Rio e São Paulo, já resolveu te alguma coisa?

Quinquim - Sim. Fechei contrato com uma delas e embarcarei logo depois do meu casamento que penso realizar dentro de duas semanas.

Demófilo - E irás, então, viver a vida que sempre ambicionaste.

Quinquim - Sim, Demófilo, irei viver a vida que sempre ambicionei e que sabia que Deus um dia havia de me conceder porque sempre confiei n'Ele.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM SONS REPICANDO, FESTIVOS E MARCHA NUPCIAL BG

Praxedes - (vindo, afobada e arfante de cansaço) Graças a Deus que ainda os alcanço à porta da igreja, ingratos! Nem sequer me avisaram do casamento! Isso não se faz!

Quinquim - Não avisamos ninguém, titia. Apenas assistiram ao ato o Demófilo que foi meu padrinho e dona Clotilde, como testemunha de Perpétua.

Praxedes - É eu que fiz tantos projetos para este casamento!... Queria trazer o coral de Santo Inácio para cantar a Ave-Maria, queria pedir às mocinhas filhas das congregadas para formarem filas na saída e jogarem arroz nos noivos, queria eu mesma fazer um bolo de quatro colunas, enfeitado com gaze e flores de laranjeira, mas não pude fazer nada, porque só agora fui informada da cerimônia. Corri tanto para chegar a tempo que o coração parece que vai me saltar do peito.

Voz - (meio tom, mas bem audível) Sabes quem é essa? É a dona Lagartixa. Ela é tia do noivo.

Quinquim - (apuro) Vamos, querida, o trem não espera por nós e temos apenas um quarto de hora para chegar à estação.

Praxedes - Um momentinho só, Quinquim. Digam.-me, ao menos, para onde vão.

Voz - (meio tom, mas bem audível) Eles querem fugir da Lagartixa e ela não deixa.

Praxedes - (ofendida) O que?! Quem foi que me chamou de Lagartixa?

Perpétua - Que horror, Quinquim, vamos depressa!

Quinquim - Lá está o auto. Venha comigo.

Praxedes - Lagartixa! Lagartixa é... Não fôsse a minha educação eu dizia a vocês quem é a Lagartixa. Isso é uma falta de respeito a uma pessoa da minha idade.

OPERADOR - AUTO SAI DE SEGUNDO PLANO E VAI SE DISTANCIANDO ATÉ SUMIR.

Praxedes - A mocidade de hoje é assim mesmo. Não respeita os mais velhos. Uma pessoa da minha idade, passar pelo vexame de ser chamada... Hein?! Onde é que eles foram? Fugiram de mim! (afastando-se a gritar) Quinquim, por favor. Espere! Eu quero saber, ao menos para onde vocês vão!... Quinquim!... Quinquim!...

Uma voz - (sorrindo) Coitada da Lagartixa! Ela ficou tão queimada conosco que acabou deixando o sobrinho fugir sem se dar conta.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM TREM EM MOVIMENTO.

Quinquim - Nós que desejamos tudo no maior sigiló, acabamos por ter que fugir da Igreja por causa da tia. Felizmente que ela se aborreceu lá com alguém e enquanto discutia conseguimos ~~fugir~~ nos safar.

Perpétua - É felizmente que foi só sua tia Xedinha que apareceu. Imagine se a minha gente tivesse descoberto também o nosso complot e nos apaçassem todos com flôres, discursos e jogando arroz, como eles pretendiam fazer? Que espetáculo ridículo ia ser. Felizmente que a sua ideia de antecer tudo e fazer tudo secretamente, livrou-nos de tão triste ridículo.

Quinquim - E os contratos que vou ter agora, nos livrarão deles para sempre. Seremos felizes, Perpétua. Tú não crês?

Perpétua - Creio, sim, meu amor... porque creio ~~no~~ no amor... e creio em ti.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Praxedes - (Indignada) O senhor já leu este livro, seu Desidério? O senhor já leu este livro?!

Desidério - Como é o título, dona Praxedes? Eu estou sem óculos.

Praxedes - (marcando) O tal de "Revolta". Revolta senti eu quando li, seu Desidério. Revolta senti eu.

Desidério - Mas por que, dona Praxedes? O que tem o livro? É ~~in~~ ofensivo à moral?

Praxedes - É ofensivo a "mim", seu Desidério. A mim. Porque ele fala até na Lagartixa, que eu sei, que o senhor sabe e que todo o mundo sabe que sou eu. Então isso não é um desafio? E o senhor fica calado? Não diz nada? Vamos, mexa-se. O senhor terá que tomar uma providência.

Desidério - Mas não cabe a mim tomar providência nenhuma, dona Praxedes. O livro foi escrito pelo seu sobrinho. Que culpa tenho eu?

Praxedes - Mas o enredo foi dado pela sua filha. Portanto... a culpa da lagartixa estar aí é dela. E o senhor tem que matar essa lagartixa porque eu exijo, seu Desidério. O senhor tem que matar essa lagartixa! Agora. Já.

Desidério - Bem, mas mesmo que o enredo tenha sido dado pela minha filha, se o seu sobrinho não quizesse não escreveria. Portanto, "DONA LAGARTIXA", eu não tenho nada que ver com isto, entende? Não tenho nada que ver com isto.

Praxedes - Hein!?... O que?!... Mas até o senhor, seu Desidério?!... Até o senhor? Aí está o efeito do livro da sua filha.

Desidério - Da minha filha, não. Do seu sobrinho, ora essa!

Praxedes - (furiosa) Ora viva, seu Desidério, viva! Em vez de cultivar flores venenosas, o senhor devia era plantar batatas, ouviu? (saindo) Plantar batatas. Isso é que o senhor devia fazer, velho paranoico.

Desidério - Malcriada! Atrevida! O desafio dela!... Plantar as batatas, eu. (projeta) Lagartixa, lagartixa e lagartixa, pronto! (Pausa. Tom) O desafio! Mandar-me plantar batatas! (Pausa e tom) Ela saiu tão furiosa que até se esqueceu do livro em cima da mesa. (lendo) "A revolta". Segundo grande

sucesso do autor de "A morta viva". (Pausa e tom) Pois eu vou ler este livro. Mesmo que ele não seja lá grande coisa já me prestou um serviço e tanto: livrou o "meu jardim" da praga das "lagartixas".

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICA FORTE, PARA FINAL DO PROGRAMA.